

“O armário tem poeira e eu tenho rinite”: a opressão dos espaços heteronormativos sobre a identidade homossexual**“The wardrobe has dust and i have rhinitis”: the oppression of heteronormativity spaces about homosexual identity**Higor Lopes Andrade¹Evaldo Ferreira²Edevaldo Aparecido Souza³Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia⁴**RESUMO**

O presente trabalho justifica-se devido à necessidade de construções e reflexões geográficas sobre as questões de gênero e sexualidade, visto que grupos como os homens gays vão participar e influenciar na construção e transformação do espaço geográfico, assim como outros grupos. Objetiva-se refletir acerca dos espaços heteronormativos na viabilização e manutenção das normas e padrões sociais, sobre a identidade homossexual gay. Para atingir tal objetivo, o trabalho qualifica-se enquanto uma revisão bibliográfica que persegue corroborar com as discussões de gênero e sexualidade dentro do campo geográfico. Existe uma variedade de identidades que muitas vezes podem ser consideradas errôneas, que infringem o padrão estabelecido socialmente. Sendo assim, essas identidades podem ser consideradas minorias e sofrem discriminação e opressão, de um determinado grupo que se considera "normal" e detentor do poder. O Brasil vem enfrentando, desde o golpe de 2016, contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, a crescente onda do neoconservadorismo bolsonarista, que influencia no meio político, na jovem democracia brasileira e na formação da sociedade e da cultura do País. Essa onda conservadora implica na forma que sujeitos como os homossexuais gays vão agir sobre o espaço, visto que esses, muitas vezes, ficam suscetível a ataques LGBTfóbicos, que podem chegar a atentados violentos.

Palavras-Chave: Espaço Gay; Cisheteronormatividade; Identidade.

- 1 Mestrando em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). andrade.higor@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8308-1664>
- 2 Docente, Departamento de Geografia, Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). evaldoferreira@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6725-7607>
- 3 Docente, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). ediueg@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2307-6257>
- 4 Mestranda em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). tamires.cristna@unemat.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4993-4640>

ABSTRACT

This work justifies due to the necessity of geographic constructions and thoughts about sexuality and gender, since groups as gays men have been part and influence at the building and transformation of geographic space, just like other groups. It is objectified to reflect around the heteronormativity space in viabilization and upkeeping of the socials standards and norms about homosexual identity. To achieve the goal the labour qualifies as bibliographic review, which seeks to corroborate with the debates about gender and sexuality around the geographic theme. There are many varieties of identities that may be seen wrongly and that violate the established social norms. This way, those identities may be considered as minority and suffer discrimination and oppression from a determinated group considered by themselves as normal and more powerful. Brazil has facing, since 2016's coup against the ex-president Dilma Rousseff, the rising wave of bolsonaristas' neoconservatism that influences in the political milieu, in the young Brazilian's democracy and in the building of society and culture of the country. That conservative wave implies in the way that people like gays are going to react on space, seen that this group are many times likely to suffer LGBTphobicos attack, may getting to violent attacks.

Keywords: Gay space; Cisheteronormativity; Identity.

INTRODUÇÃO

Faz-se necessário o questionamento a respeito da formulação que é dada ao espaço geográfico, pensando quais sujeitos agem sobre este e quais fatores levam à sua formação e transformação. A sociedade está a todo momento vivendo um jogo de relações e articulações que causam impactos sobre o espaço, modulando-o conforme suas identidades e vontades. Visto isso, entende-se que identidades consideradas não normais também irão impactar sobre o mesmo.

Enquanto campo do conhecimento, a Geografia por muito tempo se preocupou em discutir a construção, transformação e modelação do espaço, nesta discussão muitos sujeitos como os homossexuais foram invisibilizados e ignorados. Conforme Silva (2009) muitos embates científicos aconteceram, pois, grupos como estes foram vistos como não pertencentes à discussão geográfica e seus efeitos sobre os temas de estudos da Geografia não eram relevantes ou não científicos e pesquisáveis.

A partir do século XXI, trabalhos voltados para as questões de gênero e sexualidade na Geografia vêm ganhando espaço a cada dia, mostrando a necessidade destas discussões para a melhor compreensão da sociedade como um todo. Visto isso, este trabalho objetiva refletir acerca

dos espaços heteronormativos na viabilização e manutenção das normas e padrões sociais, sobre a identidade homossexual *gay*. Tal pesquisa tem cunho teórico e busca ainda construir e dialogar teoricamente através de produções de autores tanto do campo geográfico como de outras áreas do conhecimento, para contribuir com as discussões desses temas que compõem a Geografia, possibilitando assim, novas discussões e pesquisas dentro desta ciência, a fim de investigar e analisar esses grupos e movimentos sociais invisibilizados.

Por meio da discussão teórica, será dialogado sobre a resistência social e a violência à qual os homossexuais estão submetidos, a relação de dominação do homem másculo sobre o homem bicha e, ainda, acerca da atual conjuntura social mundial e que o Brasil vem se instalando, onde a cada dia percebe-se o aumento do conservadorismo e das mais diferentes formas de preconceito.

METODOLOGIA

Entendende-se que o campo do conhecimento geográfico ainda necessita de mais discussões acerca das questões de gênero e sexualidade, e com o intuito de atingir o objetivo aqui proposto, este trabalho consiste em uma revisão literária, abordando as temáticas desenvolvidas nesta pesquisa.

A construção metodológica deste artigo embasou-se na pesquisa de revisão bibliográfica, buscando-se, em materiais já existentes, como livros, artigos e publicações online, para a construção tanto da Fundamentação Teórica quanto da discussão. Segundo Gil (2008, p. 50), "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituídas principalmente de livros e artigos científicos".

Uma pesquisa no contexto atual é quase impossível ser inédita e é pensando nesta questão que Marconi e Lakatos (2003) enfatizam que a revisão bibliográfica é essencial para que não se tenha a repetição de ideias já expressas. Foi essencial a aplicação da revisão bibliográfica, no sentido de proporcionar o embasamento teórico necessário para a sustentação ao trabalho.

O presente trabalho utilizou-se de autores como Joseli Maria da Silva (2013), Milton Santos (2002), Jaqueline Gomes de Jesus (2021), Gilmaro Nogueira (2020), João Silvério Trevisan (2004),

entre outros. Com base nestes pensadores e inúmeros outros, foi possível discutir a respeito das questões de gênero, de sexualidade, sobre a opressão dos homossexuais gays que muitas vezes necessitam esconder sua verdadeira identidade, devido ao padrão cisheteronormativo imposto socialmente, como uma ordem social única.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

ESPAÇO E IDENTIDADE

Inicialmente, faz-se necessário questionar a ideia de espaço. Acredita-se aqui no espaço enquanto uma dimensão das relações sociais. Para Santos (2002) o espaço deve ser considerado através de um conjunto de relações realizadas por meio de funções e formas do presente e do passado. O espaço então, estaria ligado à reprodução das relações e seria um local de reprodução social, variando nas mais diversas formas.

Perante Silva (2013), o espaço deve ser entendido enquanto, simultaneamente, formado pelo discurso, que vai muito além da ideia de linguagem, partindo das significações e articulações e sendo parte deste, para formar um contínuo jogo da realidade espacial impregnada pelas relações de poder. Conforme as autoras Silva e Silva (2011), há um consenso na ciência geográfica de que o espaço é uma instância da sociedade e, dentro dessa sociedade, existem diversos grupos capazes de modelar, transformar e produzir o espaço geográfico, de acordo com as diferenças de cada sujeito e suas realidades.

Segundo Souza e Ratts (2008, p. 146), “a espacialidade de um grupo corresponde a um elemento identitário no sentido de que no espaço se configuram formas e ações próprias de um determinado grupo ou indivíduo”. Como comentado pelos autores, os jogos identitários estarão presentes dentro da articulação espacial, visto que será resultado dessas relações identitárias dos sujeitos. Conforme Silva e Silva (2011), compreende-se a identidade como plural, dinâmica e relacional, instituída em processos de negociação permanente mediados pelo espaço-tempo.

As relações identitárias do sujeito estão relacionadas à espacialidade, visto que esse vai vivenciar mais de uma identidade ao mesmo tempo, passando por questões de gênero, raça,

sexualidade, classe, nacionalidade, religião e entre outras; todas essas, como mencionam Silva e Silva (2011, p. 18), "mediadas pelo espaço e pelo tempo". A identidade, portanto, é algo fluido, inconstante, mutável, passando sempre por um processo de ressignificação.

Para Barretos (2009), o sujeito pode ser visto como uma "colcha de retalhos", significando esses retalhos as variadas representações das identidades que compõem aquele sujeito em questão. Essas variedades de identidades muitas vezes podem ser consideradas errôneas, que infringem o padrão estabelecido socialmente. Sendo assim, essas identidades podem ser consideradas minorias e irão sofrer discriminação, opressão, de um determinado grupo que se considera "normal" e detentor do poder (BARRETOS, 2009, grifos do autor).

Conforme Silva (2013), existe uma ordem de dominação social, em que aqueles que transgridam o que é imposto socialmente pela identidade heterossexual (considerados os normais e dominantes), irão vivenciar a cidade de forma marginal, e ainda construir as experiências espaciais marcadas principalmente pela violência, discriminação e, muitas vezes, essas ações tornam-se crimes de assassinato, contra as identidades não-normativas.

Quanto às identidades não-normativas, trata-se daqueles que transgridem a heteronormatividade, constituindo esse conceito o entendimento da heterossexualidade como norma, excluindo qualquer outra que se desvie dessa lógica. Entendendo essa dinâmica e dominação normativa e o espaço enquanto produzido pelas relações discursivas sociais, é possível afirmar que o espaço é heteronormativo. Silva (2013, p. 155-156) comenta que "o espaço heteronormativo é, portanto, parte do discurso hegemônico que concebe a ordem social bipolarizada entre homens e mulheres, marginalizando aqueles que fogem à pretensa linearidade entre sexo, gênero e desejo".

Os homossexuais transgridem a norma heteronormativa e são submetidos a constrangimentos, violências de diversas formas, verbal, psicológica e física, e ainda sofrem a exclusão no espaço, intensificada quando o homossexual assume características consideradas femininas (BARRETOS, 2009). Essas exclusões podem prejudicar o sujeito homossexual de diferentes maneiras: na dificuldade em expressar-se; inibido de agir em alguns espaços por problemas como

agressão à LGBTfobia; na busca por trabalho; na dificuldade em frequentar espaços de lazer e a sociabilidade.

Essas diversidades de forma de preconceito sobre um só sujeito, gera uma intersecção, sendo assim, Duarte; Oliveira e Ignácio (2021), diz que o conceito de interseccionalidade é utilizado como método para entender como uma opressão pode sobrepor a outra. Esse método foi utilizado pelas intelectuais e feministas negras há décadas, como forma de questionar as dominações e invisibilidade dessas mulheres, devido às questões de gênero e raciais. Para Silva e Silva (2011), a perspectiva da interseccionalidade pode ser associada aos pensamentos geográficos, visto que, a partir desta vertente, poderá ser possível a análise das diferentes identidades do sujeito e suas espacialidades.

GÊNERO E SEXUALIDADE

É preciso entender que os estudos das questões de gênero e sexualidade sempre se faz necessário definir o que seriam gênero e sexualidade, que vão muito além das definições culturais implantadas e impostas na sociedade. Conforme Andrade et. al. (2020, p. 02) “Gênero está longe de ser uma definição pelo genital a qual o sujeito possui, mas sim a forma como ele se sente e se expressa socialmente. O termo Gênero emerge na luta feminista, diferenciando-se dos padrões biológicos impostos, sendo assim formado cultural e socialmente”.

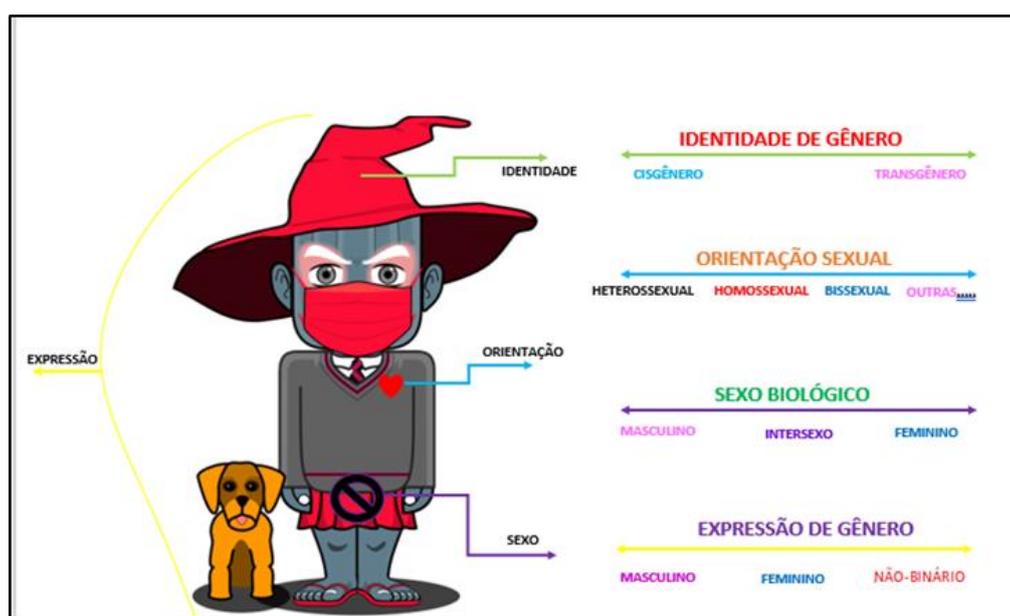
Observa-se que o autor pontua gênero como algo superior ao simples fato do sujeito possuir uma genitália, o conceito de gênero tem sua formação ligada ao contexto histórico de consolidação do movimento feminista, que buscou discutir questões políticas e sociais. Para McDowell (2000), gênero precisa ser discutido correlacionado aos conceitos de gênero em si e de relações de gênero. O gênero, conforme a autora, deve ser entendido através de duas concepções, a de relações sociais e a de construções simbólicas. A autora ainda afirma que essas relações e construções caminham simultaneamente na definição de gênero, sendo inseparáveis.

McDowell (2000, p. 20) diz que “todos actuamos como nos dictan nuestras ideias, que siempre responden a una creación cultural y están histórica y espacialmente situadas”. Ou seja, as definições impostas e construídas sociohistoricamente vão influenciar na maneira como os sujeitos

irão performar suas identidades, seu gênero, sua sexualidade, sua masculinidade ou feminilidade. A autora continua em sua obra a complementar que estas ideias de o que é ser homem ou o que é ser mulher, são construídas para ditar o que é dever ou atitude de uma pessoa considerada masculina e uma considerada feminina.

McDowell (2000) comenta que deve-se diferenciar gênero de sexo biológico, visto que o segundo vai referir-se, como o próprio nome diz, à questões biológicas, e o primeiro refere-se ao que já foi discutido anteriormente, das construções sociais e históricas. Perante Andrade (2021), as questões de gênero não podem ser definidas como fixas, mas sim uma construção cultural e social, entendida além das representações de papéis (Figura 1).

Figura 1: A Diversidade dos sujeitos



Fonte: Andrade (2021, p. 23)

Na Figura 1 observa-se as variadas diferenças de gênero e sexualidade existentes e são contempladas informações sobre sexo biológico e expressão de gênero. A sexualidade:

pode ser entendida como uma série de crenças e comportamentos, construídos através dos padrões culturais e sociais historicamente arraigados na sociedade. A orientação sexual, neste caso, é utilizada para poder abranger as diversas possibilidades de viver a sexualidade, ou seja, a sexualidade é o desejo afetivo ou erótico. (ANDRADE; DALLA VECCHIA, 2019, p. 03)

Assim, é a inclinação involuntária e a atração física ou emocional de um sujeito. A Figura 01 ilustra algumas sexualidades existentes, como a heterossexualidade, em que o sujeito se atrai por alguém do gênero oposto ao seu; a homossexualidade, em que o sujeito se atrai por alguém do mesmo gênero que o seu. Incluídos a homossexualidade encontram-se os homens gays, que são o objeto de estudo deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

IDENTIDADES E ESPAÇO

Perante Andrade (2021)

a noção de identidade pode divergir de pessoa para pessoa, devido ao fato esse entendimento de si pode ser algo imposto ou adquirido, podemos então, associar que muitos dos sujeitos não conseguem reconhecer-se devido a uma imposição social e, em relação ao grupo homossexual, podemos ainda considerar a imposição heteronormativa sobre seus corpos, seus padrões de vida. (ANDRADE, 2021, p. 39).

Com base na afirmação, é possível observar que a construção indentitária dos sujeitos será percebida e vivenciada conforme imposições culturais impregnadas no espaço e que cada sujeito vai reconhecer-se de forma diferente. As pessoas vivenciam a realidade espacial a partir de seus corpos que são sexuados e generificados. O gênero é um dos elementos mais importantes das experiências dos sujeitos, pois institui a forma como devem pensar a si mesmos, agir, experimentar os espaços, e as relações, assim por diante.

Ao se pensar em gênero afirma-se que há muitas possibilidades de masculinidades que não se resumem à masculinidade hegemônica. Homens gays constituem masculinidades específicas, não apenas por manterem o desejo pelo mesmo corpo sexuado como masculino, mas também porque enfrentam e experimentam masculinidades entendidas como marginais.

Constituir-se um homem gay é um processo lento, que se faz nas histórias de vida que são simultaneamente espaciais. Trevisan (2004) comenta que a:

[...] postura de 'estar homossexual' acabou indiretamente compactuando com a moda guei-macho ou bicha barbie, através da qual homens homossexuais passaram

a procurar mais do que nunca viver dentro dos padrões sociais de normalidade, enfatizando de modo deliberado sua constituição viril e evitando até agressivamente a proximidade de estereótipos efeminados, num alarmante culto à misoginia [...] (TREVISAN, 2004, p. 38)

O autor reafirma o que já foi comentado anteriormente, a qual formar-se homossexual é uma jornada conflituosa e que ao longo da história da formação das sociedades enfrentaram conflitos para conseguir se libertar do tão impositor “armário”. Homens precisam portar-se como o imaginário constituído sobre ser homem para viver em uma sociedade, visto que aqueles que fugirem desta norma social e cultural imposta sofrerão consequências.

Andrade (2021) comenta que durante toda a história da sociedade os sujeitos sempre foram atores na construção do espaço e os homossexuais, mesmo que muitas vezes dentro do “armário”, como afirma Barreto (2010), continuam a influenciar através de símbolos (roupas, gírias, a bandeira do arco-íris, entre outros) no espaço, principalmente nos territórios onde há atuação desta comunidade.

Foi abordado, até agora, o viver e ser homossexual e suas identidades, substantivo utilizado no plural visto que um sujeito pode vivenciar mais de uma identidade, perpassando desde as questões de gênero, sexualidade, raça, sexo, nacionalidade, dentre outras. No que tange ainda sobre o ser homossexual, Trevisan (2004) comenta que no Brasil constitucionalmente não existem leis que proíbam ou criminalizem a identidade homossexual, entretanto, no dia a dia são criadas “razões” para esse tipo de desrespeito, como “atentado ao pudor”, “viadagem”, “consumo de drogas”, “destruição da família tradicional” e “ideologia de gênero” entre outras falácias, todas criadas e reafirmadas pelos machos nacionais, cidadãos de bem e a “família tradicional brasileira”.

MASCULINIDADES NA CONSTITUIÇÃO DO ESPAÇO

Quando a autora McDowell (2000) afirma que existe uma diferença entre sexo biológico e gênero, Silva; Ornat e Chimin Junior (2011) corroboram dizendo que pode-se existir uma multiplicidade de masculinidades e feminilidades, sendo possível existir uma masculinidade em corpos que são considerados femininos e feminilidade em corpos considerados masculinos.

Segundo Silva; Ornat e Chimin Junior (2011), não se pode dizer que existe um único padrão ou forma de ser e exercer a masculinidade, visto que o fato de um sujeito possuir um pênis não o classifica ou o determina enquanto homem. A não existência desta única forma de ser homem ou ser mulher, tem surgimento e discussão fundada nas lutas feministas e em discussões como a apresentada por McDowell (2000). As padronizações da forma de ser, a opressão de como ser ou não homem, nascem do contexto cisheteronormativo, que impõe aos sujeitos, sejam eles homens ou mulheres, como cada um deve se expressar na sociedade.

Silva; Ornat e Chimin Junior (2011) comentam que:

As representações hegemônicas da masculinidade dizem respeito a determinados grupos sociais que possuem o poder de projetar seus símbolos e significados. Tais representações constituem o discurso da sociedade heteronormativa, que exerce sua pressão sobre grupos não hegemônicos com a intencionalidade de produzir homens padronizados pelo poder instituído. A partir deste ponto de vista, a sociedade da 'dominação masculina' exerceria seu poder implacável sobre seres que não desempenham o papel social preconizado socialmente. (SILVA; ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2011, p. 135)

O poder dominador exercido sobre esta sociedade, torna o grupo aqui em estudo marginalizado e considerado anormal. Conforme Barretos (2009), o preconceito sobre os sujeitos gays/viados, vai acontecer principalmente pelo não conhecimento da realidade desses indivíduos, pela falta de informação e a associação desses sujeitos a aspectos negativos, como o entendimento de que a homossexualidade é uma "doença". Segundo Bicalho e Diniz (2009,) a orientação sexual dos sujeitos vai ser analisada durante seu momento de trabalho ou busca de emprego, onde diferentes obstáculos serão colocados apenas pelo fato de considerar-se enquanto homossexual.

A partir da visão de Nogueira (2020), existe uma "superioridade" dos homens considerados machos (ativos) sobre os homens bichas (passivos), ou seja, a penetração passa a ser uma forma de determinar quem domina e quem é dominado. O homem que não é penetrado, tem sua masculinidade "resguardada", e o outro que é penetrado, é considerado o afeminado, a bicha, esse irá sofrer uma discriminação, pois não realiza os papéis heteronormativos, mesmo que muitas vezes o sujeito penetrado cumpra com os papéis normativos, esse no momento que é visto como o passivo

é considerado indevido pela sociedade. Apesar de que, entre quatro paredes, as posições de cada um nem sempre é – e nem precisa ser – socialmente conhecida.

A CULTURA ENQUANTO FORMADORA

O processo da identidade está relacionado à forma pela qual a sociedade produz e reproduz as relações, criando classificações. Segundo Claval (1999), a construção das representações que fazem parte do espaço humanizado, assim como a cultura, contribui na construção da identidade e do território. Conforme Silva (2000 apud Andrade 2021, p. 19), “as classificações criadas na sociedade são sempre idealizadas pela identidade, ou seja, os grupos sociais que existem no mundo foram classificados a partir da identidade, tendo assim uma hierarquização”.

A temática deste trabalho aborda em específico, a diversidade de gênero e sexualidade. Segundo Jesus (2021), a diversidade sempre existiu e, conforme a sociedade vem sendo constituída pela globalização, estas estão sendo cada vez mais pluralizadas. Conforme a autora, o termo é oriundo do latim e significa diferença, oposição, dessemelhança.

Jesus (2021, p. 87-88) define a diversidade como “a representação, em um sistema social, de pessoas com diferentes identidades grupais que têm significações culturais distintas, ou ainda como um misto de pessoas com identidades diferentes dentro do mesmo sistema social”. Neste sentido, ambas são inseparáveis entre si e da cultura, sendo formada, transformada e ressignificada pelas diferentes culturas de cada sociedade.

Conforme Corrêa (2009, p. 03) “o homem vive em uma floresta de símbolos socialmente criados, que expressam significados associados às diversas esferas da vida como aponta, entre outros, Salomon (1955)”. Esses símbolos também são existentes nas questões de gênero e sexualidade, visto que a forma como o sujeito vai portar-se na sociedade irá influenciar na construção cultural e vice-versa.

Ainda, como comenta Corrêa (2009, p. 05), “a Geografia Cultural está focalizada na interpretação das representações que os diferentes grupos sociais construíram a partir de suas próprias experiências e práticas”. A afirmação do auto, reforça o que já foi exposto na qual a cultura

vai ser a interpretação das realizações e representações dos sujeitos no espaço, visto isso, reafirma-se a ligação e influência das questões de gênero e sexualidade na forma como a cultura se forja.

O Brasil vem enfrentando, desde o golpe de 2016, contra a ex-presidenta Dilma Rousseff, a crescente onda do neoconservadorismo bolsonarista, que influencia no meio político, na jovem democracia brasileira e na formação da sociedade e da cultura do País. Irineu, Oliveira e Lacerda (2021) comentam que

com uma apologia deliberada às variadas formas de violência, o discurso de inspiração neoconservadora, nacionalista e explicitamente fundamentalista religioso vincula-se aos valores da tradição e nas práticas arraigadas na sociedade brasileira, recuperando a base colonialista, autoritária e patrimonialista (p. 117).

Essa onda conservadora implica na forma como os sujeitos vivenciam suas realidades espaciais e culturais, visto que o sentimento de medo volta a crescer dia a dia dentro da alma de cada sujeito homossexual. Viver em uma sociedade que impõe, por meio da cisheteronormatividade, a forma como cada sujeito deve viver desconsidera àqueles que fugirem desta norma deverão regressar ao “armário” ou viver à mercê de violências cotidianas em qualquer espaço.

O CONSERVADORISMO E AS MOVIMENTAÇÕES DO ESPAÇO

Como comentado anteriormente, o conservadorismo implica diretamente na maneira como o sujeito vai se sentir, pertencer e reconhecer-se no espaço, e ainda construir, transformar, desconstruir e reconstruir suas espacialidades. Porto-Gonçalves (2020) corrobora com tal afirmação, dizendo que

É por isso que o pensamento conservador, isto é, aquele que quer conservar a ordem social, chama aos movimentos sociais de desordeiros, procurando assimilar a contestação da ordem que querem manter (da sua ordem) à desordem. Frequentemente, chama-se de baderneiros aqueles que se movimentam, buscando outras relações dos homens e mulheres entre si por meio das coisas. Procura-se, assim, desenvolver estratégias discursivas de criminalização dos que contestam a (sua) ordem, como se só houvesse uma ordem possível – a sua. (PORTO-GONÇALVES, 2020, p. 27-28).

O autor comenta sobre o conservadorismo construir falas contra movimentos sociais (neste trabalho o exemplo é o movimento da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais,

Travestis/transexual/transgênero, Queer, Intersexual, Assexual, + que inclui todas as outras múltiplas possibilidades de gênero, sexualidade e afetividade - LGBTQIA+) devido ao “medo” do novo, do diferente. Visto que esses movimentos, como o próprio nome faz alusão a “dar movimento”, geram uma novidade ou mudança em uma determinada ordem social imposta, ordem essa que vai influenciar na forma como os sujeitos reconhecem e se apropriam do espaço geográfico. Sendo assim, essa mudança, essa “desordem” da “ordem” imposta, gera conflitos e o medo, levando, assim, ao conservadorismo que impõe suas regras e falas contra esses grupos.

Este posicionamento e comentários feitos por Porto-Gonçalves (2020) complementa ainda a fala de Trevisan (2004), exposta nos tópicos anteriores deste trabalho, que dia a dia são construídas formas de deslegitimar grupos, sujeitos, movimentos que são contrários ao que é considerado a “ordem” social única e dominante. Os conservadores constroem formas e as impõem, como se fossem essas as únicas e absolutas formas de se viver e de reconhecer-se social e culturalmente.

Porto-Gonçalves (2020) diz que

afinal, toda(o) aquela(e) que se sente oprimido ou explorado diz querer mais espaço – as mulheres querem mais espaço; os negros querem mais espaço; os sem-terra ocupam, isto é, se co-locam; os indígenas querem de-marcas suas terras (na verdade, seus territórios); os desempregados reinventam as lutas sociais, bloqueando estradas, bloqueando a circulação e, assim, retomando seu lugar no espaço geral da produção da sociedade, eles que foram deslocados (desplazados) dos lugares fixos de produção (fábricas, lojas, escritórios, fazendas...). Enfim, os diferentes movimentos sociais ressignificam o espaço e, assim, com novos signos grafam a terra, geografam, reinventando a sociedade. A Geografia, desse modo, de substantivo se transforma em verbo – ato de marcar a terra. (PORTO-GONÇALVES, 2020, p. 28).

Observa-se que o autor apresenta diversos movimentos sociais, e ainda que estes desejam e querem mais espaço, ou seja, estão em busca de ir contra a norma que colocou estes sujeitos como não detentores do poder e, sendo assim, não são portadores da capacidade de ocupar o espaço e nem de transformá-lo. O autor mostra então que estes movimentos sociais, buscam e contribuem na mudança e construção e ressignificação do espaço geográfico, que agora vai ter estes sujeitos percebidos também na construção e apropriação do território e do espaço.

Pensa-se então que os homens gays, as bichas, os viados e todos os outros termos que podem classificar ou denominar este grupo, que pertence a um movimento social, também fazem parte do movimento de construir, ocupar, significar e ressignificar o espaço geográfico. Enfrentando grupos conservadores, que dizem que estes não podem e precisam resguardar-se no “armário”.

“O ARMÁRIO TEM POEIRA EU TENHO RINITE”

Em muitos momentos deste trabalho, foram discutidas como a sociedade reforça as opressões diversas sobre os sujeitos que fogem à norma estabelecida e imposta pelo patriarcado, machismo, sexismo e preconceituosa nos mais diversos âmbitos. Outra forma de inferiorizar alguém que seja considerado “anormal” é o uso da terminologia “homossexualismo”, utilizando-se do sufixo “ismo” ao final, tal termo é proposto por esta sociedade como forma de denominar e classificar os homossexuais e todos que fujam do padrão, como doentes. Silva; Ornat e Chimin Junior (2011) comentam que

[...] o homossexualismo constituiu-se como um desvio e, em certas regiões e momentos históricos (como ainda é atualmente em muitos países), um crime passível de punição (inclusive a violência física). No Brasil, somente na década de 1990 o homossexualismo foi retirado da lista de transtornos mentais pelo Conselho Nacional de Psicologia, mas, mesmo assim, vivemos numa sociedade que ainda repudia expressões afetivas e corporificadas que convergem para as representações sobre o homossexualismo. (SILVA; ORNAT; CHIMIN JUNIOR, 2011, p. 330)

Estes “desvios”, como comentam os autores, querem referir-se à homossexualidade enquanto doença, e os autores comentam ainda, que em diversas regiões e países ainda é considerado enquanto crime, cabível de pena de morte. No Brasil, ainda observa-se um alto índice de preconceito e exclusão desta comunidade, tratando-a enquanto invisível nas diversas áreas do conhecimento, da política e no âmbito social e, muitas vezes, devido à falta de políticas públicas de saúde, acesso à educação e à segurança, deixando estes sujeitos à beira da marginalidade, expostos a crimes de ódio que podem resultar em violências físicas e assassinatos.

Andrade (2021) constatou que, em Cáceres, 87,18% dos entrevistados de sua pesquisa já sofreram algum tipo de violência por serem homossexuais, enquanto apenas 12,82% nunca sofreram nenhum tipo de violência. Estes dados mostram que ainda há um índice elevado de

discriminação contra homossexuais. Ainda conforme o autor, em nível nacional, cerca de 73% dos jovens LGBTQIA+ já sofreram violência dentro de espaços como o escolar.

Conforme comenta Sedgwick (2007)

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 20007, p. 22)

O viver no armário é algo notável e presente na vida de muitos sujeitos até mesmo na sua vida adulta e independente, torna-se muitas vezes “confortável” ou “ambiente seguro” viver em um “armário”, para garantir sua segurança e até mesmo passibilidade dentro da sociedade, observa-se que aquele sujeito que “sai do armário” vai ter sua homossexualidade exposta e, muitas vezes, como já comentado anteriormente, será este sujeito alvo de crimes e violências devido a sua sexualidade, como mostraram os dados em Andrade (2021).

O armário, perante Sedgwick (2007), é um lugar de reafirmação da opressão contra homossexuais. Sendo assim, o sair do armário, de afirmar-se enquanto homossexual perante uma sociedade constituída e solidificada no patriarcado, no machismo, sexismo e na LGBTfobia, é um ato de resistência, político, é o ato de sobreviver e de ocupar os espaços que fazem parte e formam, assim como os sujeitos normativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que pensar Geografia é analisar a sociedade, sendo assim, pode-se perceber que fazer essa análise geográfica sem colocar em jogo e em discussão os diferentes sujeitos presentes nesta sociedade, é invisibilizar diferentes espaços e formações espaciais. Podemos ir além e dizer que estaríamos invisibilizando todo um conjunto de diferenças que influenciam em todas as áreas, sejam nas análises espaciais, culturais, identitárias, econômicas, políticas, territoriais e outras. No caso da nossa reflexão, é ignorar e dar suporte aos padrões cisheteronormativos, que são dia a dia impostos por uma sociedade constituída historicamente por regras e normas que não condizem com a realidade, em relação à diversidade que a compõe.

Pode-se observar nas últimas décadas ainda como a sociedade mundial e brasileira tem vivenciado uma crescente onda conservadora, que a cada dia ganha mais força e quer impor de todas as formas suas regras a todos, independentemente das diferenças de raça, sexo, gênero, sexualidade, etnia, religiões, questões culturais como um todo.

Em Cáceres, como pontuado, a LGBTfobia tem um grande impacto, o que determina a forma como esses sujeitos vão expressar-se espacialmente. Acredita-se ainda que dentro dos espaços em Cáceres os homens gays sofrem diferentes tipos de exclusão social, no mercado de trabalho e nos mais variados campos.

Conclui-se ainda, que um sujeito homossexual que vive dentro do armário está ali por medo, por receio, ou por uma confortabilidade ofertada a ele por esta sociedade já mencionada. Sendo, então, este armário um espaço simbólico e de representação das opressões cisheteronormativas e que romper com este é defender o direito de ser reconhecido na constituição e/ou transformação do espaço social, do espaço de visibilidade, de ser percebido enquanto sujeito de direitos em uma sociedade opressiva como a que foi, que é, e que está tentando se formar através do bolsonarismo, no caso específico do Brasil. Sociedade bolsonarista que pretende impor a volta obrigatória dos sujeitos ao armário, onde terão de enfrentar todos os tipos de situações desconfortáveis e que apagam suas existências pelo simples fato de serem quem são.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, H. L. **Enviadescendo os territórios: a identidade do jovem homossexual de Cáceres**. 2021. 69 f. Monografia (Graduação em Geografia) Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Geografia. Cáceres, 2021.

ANDRADE, H. L.; VECCHIA, T. C. D. S. D. O Racismo e a LGBTfobia: o preconceito dentro da comunidade dos oprimidos. **Anais [...]** XI Semana De Estudos Étnico-Raciais: "Educação Sob Múltiplos Olhares", 1ª. (SEER), Cáceres, v.1, 2019. Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais2/seer/?page=sumario>. Acesso em: 01 jul. 2022

ANDRADE, H. L. VECCHIA, T. C. D. S. D.; FERREIRA, E.; NEVES, L. Levantamento de Teses e Dissertações sobre Gênero e Sexualidade na Geografia de 2009 a 2019. **Anais [...]** III Mostra de Trabalhos Sobre Mulheres e Pré ABEH 2020, 3ª. (MTMulheres), Cáceres, v. 3, 2020. Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais/mtmulheres/?page=sumario>. Acesso em: 01 jul. 2022.

BARRETO, R. C. V. A homossexualidade em foco: discutindo o padrão masculino dominante. **Anais** [...] Seminário Nacional de Ciência Política da UFRGS, 2º, p. 01-18, 2009. Disponível em: http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/homossexualidade%20em%20foco_rafael.pdf. Acesso em: 25 ago. 2022.

BARRETO, R. C. V. Geografia da Diversidade: Breve Análise das Territorialidades Homossexuais no Rio de Janeiro. **Revista Latino - Americana de Geografia e Gênero**. Ponta Grossa. v.1, n.1, p.14 – 20, 2010. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BICALHO, R. A.; DINIZ, A. P. R. Violência Simbólica e Homossexualidade: Um Estudo em Capitais Brasileiras. **Anais** [...] XXXIII Encontro da ANPAD, São Paulo, p. 1-16, 2009. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/45/EOR1172.pdf. Acesso em: 01 nov. 2021.

CLAVAL, Paul. O Território na Transição da Pós-Modernidade. **GEOgraphia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense**. Niterói, v.1, v.2, p. 7-26, 1999. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13349>. Acesso em 22 jul. 2022.

CORRÊA, R. L. Sobre a Geografia Cultural. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://www.ihgrgs.org.br/artigos/contibucioes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf> Acesso em: 10 jul. 2022.

DUARTE, M. J. O; OLIVEIRA, D. F. S; IGNÁCIO, K. M. R. Gênero, Raça e Sexualidade: uma proposta de debate interseccional?. In: IRINEU, B. A. (Org.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes**. 1 ed, Salvador-BA: Devires, 2021. p. 159-176.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IRINEU, B. A; OLIVEIRA, B. A; LACERDA, M. C. Um balanço crítico acerca da regressão dos direitos LGBTI no Brasil sob ascensão do bolsonarismo. In: IRINEU, B. A. (Org.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes**. 1 ed, Salvador-BA: Devires, 2021. p. 103-120

JESUS, J. G. Gestão da diversidade no Brasil: Notas críticas. In: IRINEU, B. A. (Org.). **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes**. 1 ed, Salvador-BA: Devires, 2021. p. 87-102.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, 5 ed, Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em 19 set. 2022.

MCDOWELL, L. **Género, identidad y lugar: Un estudio de las geografías feministas**. Pepa Linares (trad.) Editora Cátedra. 2000. Disponível em: <https://kolectivoporoto.cl/wp->

content/uploads/2015/11/Linda-McDowell-G%C3%A9nero-Identidad-y-Lugar.-Un-Estudio-de-Las-Geograf%C3%ADas-Feministas.pdf. Acesso em: 25 ago. 2022.

NOGUEIRA, G. **Caças e Pegações on line**: subversões e reiterações de gênero e sexualidade. 2 ed, Salvador-BA: Editora Devires, 2020.

PORTO-GONÇALVES, C. W. Organização do espaço: objeto de estudo, objeto de desejo. In: LIMONAD, E. BARBOSA, J. L. (org.) **Geografias, Reflexões conceituais**: leituras da ciência geográfica, estudos geográficos. São Paulo: Editora Max Limonad, 2020. p. 21-29.

SANTOS, Milton. **Por uma Nova Geografia**: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19–54, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, J. M. Espaços Interditos e a Experiência urbana travesti. SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Org.). **Geografias Malditas**: Corpos, Sexualidades e Espaços. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. (Organização). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra Editora, 2011.

SILVA, M.G.S.N; SILVA, J. M. **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011.

SOUZA, L. F. de; P. RATTS, A. J. Raça e Gênero sob uma Perspectiva Geográfica: Espaço e Representação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 143–156, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/bgg/article/view/4907>. Acesso em: 25 out. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.